

Jornalismo Feminista: Análise Do Jornal Brasil Mulher Com A Revista Azmina¹

Jovana MEIRELLES²

Luisa Fernanda Rosa MARQUES³

Nísio TEIXEIRA⁴

Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, MG

RESUMO

Este trabalho busca analisar e comparar dois veículos que nunca coexistiram, mas possuem propostas editoriais parecidas. O Brasil Mulher foi um jornal impresso criado em 1975 durante a ditadura militar brasileira e é considerado como um dos veículos pioneiros do jornalismo feminista pós golpe de 1964. Em 2015, 40 anos depois da criação do Brasil Mulher, a revista digital AzMina, autodeclarada feminista, surge quando a América via a ascensão de governos conservadores. Embora separadas historicamente no tempo, os dois veículos se encontram em um paralelo de ideais e valores sociais, o que nos faz refletir sobre o jornalismo e os assuntos tratados nele. Observar o Brasil Mulher e AzMina, em especial, no mês de março, é olhar de perto a evolução de uma perspectiva progressista e feminista do jornalismo, além de proporcionar uma imersão histórica da imprensa feita por mulheres revolucionárias em épocas de repressão e censura.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo, Feminismo, Imprensa, Mulher.

INTRODUÇÃO

A história da imprensa brasileira começa com atraso. Em uma manobra de ter controle sobre as informações que circulavam em toda colônia, a Coroa portuguesa passou séculos proibindo quaisquer atividades da imprensa. Com o desenvolvimento tardio, os primeiros passos foram dados quando grande parte da população era analfabeta. “O primeiro Censo realizado no Brasil Império em 1872, aponta que 81,43% da população livre do território era analfabeta e em relação às pessoas escravizadas, menos de 1% eram alfabetizados. “ (AZEVEDO, Jade Vilar de., 2021, p. 35).

A imprensa feminina, voltada para o público feminino, surge apenas em 1827, com o periódico Espelho Diamantino. Em um contexto de escravidão vigente e sem

¹ Trabalho apresentado na Intercom Júnior - Jornalismo, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Estudante de Graduação do 6º. semestre do Curso de Jornalismo da UFMG, e-mail: jovanameirelles@gmail.com

³ Estudante de Graduação do 6º. semestre do Curso de Jornalismo da UFMG, e-mail: luisafernanda@ufmg.br

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFMG, e-mail: nisiotei@ufmg.br

ensino superior estendido às mulheres (que só veio a ser permitido em 1879), o jornal tinha um alcance específico e definido. Jade Vilar de Azevedo (2021) afirma que as leitoras dos jornais e revistas com apelo feminino, como o Espelho Diamantino, eram mulheres encaixadas dentro de um padrão de etnia, classe social e orientação sexual. As publicações giravam em torno de assuntos relacionados à moda, beleza, artes e demais temas que eram considerados atrativos para as mulheres.

Os jornais e as revistas foram as primeiras publicações das mulheres, antes, inclusive, dos livros, se dividindo entre dois tipos de produção: a imprensa feminina e a imprensa feminista (COSTA, 2018, p. 89). A diferença entre tais tipos jornalísticos deve ser ressaltada, já que, embora sejam conteúdos feitos para as mulheres, a primeira não carregava questões políticas, ao contrário da segunda.

Em entrevista para Jade Pilar de Azevedo, Thaís Folego, ex-codiretora da revista digital AzMina, diz que, na prática, o jornalismo feminista e o tradicional se aproximam, já que o método é o mesmo. A diferença seria que o jornalismo feminista rompe com a imparcialidade jornalística, ou seja, em uma imprensa feminista há necessidade de se posicionar. Além disso, Azevedo (2021) ainda especifica que um posicionamento em prol da luta das mulheres é a base da imprensa feminista:

O jornalismo feminista se diferencia do jornalismo hegemônico por colocar a emancipação sociopolítica e econômica das mulheres como critério basilador, tanto para as representações das mesmas em suas narrativas, quanto para a finalidade da criação dos seus conteúdos. (AZEVEDO, 2021, p. 44)

Com atraso em relação à imprensa internacional, o Brasil Mulher (1975-1980) e o Nós Mulheres (1976-1978) foram os primeiros periódicos desenvolvidos no país sob a perspectiva feminista. Em uma primeira fase, estes veículos partiam, principalmente, de pautas relacionadas a questões de classe, haja vista a presença de integrantes periféricas, que endossavam uma política reivindicatória para suas condições, visibilizando as mulheres pobres (AZEVEDO, 2021). Entretanto, também trazem discussões sobre família, trabalho e sexualidade.

Além disso, nesta fase, os veículos não se posicionam discursiva e editorialmente como feministas e até se afastavam do termo. Segundo Jade Azevedo (2021), tal questão é uma das consequências da formação de um país com bases patriarcais, que construiu um teor pejorativo acerca dos movimentos feministas por

meio de seu aparelho midiático. Em uma segunda fase da imprensa feminista no Brasil, contudo, as pautas se voltam mais exclusivamente às mulheres e às questões de gênero (AZEVEDO, 2021).

Após o surgimento da imprensa feminista no Brasil e sua presença durante os períodos de maior efervescência dos movimentos sociais, apresentam-se, atualmente, portais que articulam jornalismo e feminismo. Conforme é colocado por Jessica Costa (2018), tais veículos são integrantes de um novo momento político de contestação de valores: “[...] fazem parte da chamada ‘Primavera das Mulheres’, iniciada em 2015, a partir de uma série de manifestações nas redes sociais e de protestos nas ruas de todo o país” (COSTA, 2018, p. 94).

Tal levante feminista parte de pautas como combate ao assédio e à violência sexual, descriminalização do aborto e o respeito às diferenças entre as mulheres. Também conta com a participação das mulheres negras, indígenas, trans e travestis no movimento, em um posicionamento interseccional, que compreende a articulação entre o machismo e o racismo.

Tendo em vista o percurso do jornalismo feminista no Brasil, o trabalho propõe analisar o jornal Brasil Mulher, atuante nos anos 1970, e a revista AzMina, presente nos dias atuais. Para comparar os dois veículos, escolhemos a data simbólica do dia 8 de março, em que se comemora o Dia Internacional da Mulher, com o recorte de três anos: 1978, 1979 e 1980 para o Brasil Mulher e 2018, 2019 e 2020 para a AzMina.

Brasil Mulher

O Brasil Mulher foi criado em outubro de 1975, em Londrina, Paraná, sendo a primeira experiência feminista da imprensa brasileira Pós-Golpe de 1964. O jornal era editado pela Sociedade Brasil Mulher e teve, ao longo dos cinco anos de sua existência, 20 edições, sendo 16 regulares e quatro “extras”, publicadas de dois em dois meses. Enquanto o país vivia um momento delicado em sua história, de censura e invisibilização de direitos, a Organização das Nações Unidas decretava 1975 como o

Ano Internacional da Mulher, acendendo discussões do movimento feminista ao redor do mundo.

O projeto ambicioso de um jornal feminista durante a ditadura foi idealizado por Joana Lopes, professora e jornalista, e Terezinha Zerbini, militante e ativista do Movimento Feminino Pela Anistia. O objetivo inicial era criar um boletim informativo sobre a luta pela anistia, pressionando o governo para a liberação de presos políticos.

A primeira edição, n. 0, publicada em outubro de 1975, diz que o jornal queria “ser mais uma voz na busca e na tomada da igualdade perdida. Trabalho que se destina a homens e mulheres” (Brasil Mulher, n. 0, p.2). Até seu fim, em 1980, o Brasil Mulher debateu fortemente sobre pautas relacionadas, principalmente, a relação da mulher com o mercado de trabalho, trazendo o foco para as mulheres operárias e sindicalistas. Outros temas também foram abordados ao longo das edições como: saúde da mulher, direitos das crianças e adolescentes e, claro, o Movimento Feminino Pela Anistia. “Joana pensava que o jornal fosse um instrumento intermediário para que as leitoras pudessem abordar suas questões. Na verdade, ela idealizava que num determinado momento o Brasil Mulher fosse pautado pelo próprio público do jornal” (DEBÉRTOLIS, 2002, p. 64).

Em 1977 o Brasil Mulher já prenunciava uma crise interna, que mais tarde culminaria em seu fim. A edição de agosto, a oitava, foi a última com a participação da fundadora, Joana Lopes, assim como parte da equipe do jornal que teria mais afinidade com seus ideais. A partir disso, várias militantes ligadas a partidos políticos da esquerda, como o PC do B, assumem a diretoria. De acordo com Karen Debértolis (2002), o novo editorial do Brasil Mulher fica bem claro com a publicação de matérias voltadas ao movimento sindical e trabalhista.

A última edição, publicada em 8 de março de 1980, marca não só a despedida do Brasil Mulher, mas também o retorno de Joana Lopes. Para Debértolis (2002), a volta de Joana acontece em meio a tensões dentro do próprio movimento feminista.

Edição n.11

A edição n.11, publicada em março de 1978, traz como tema principal o 1º Congresso da Mulher Metalúrgica que aconteceu em janeiro daquele mesmo ano. A matéria da capa repercute sobre uma emenda trabalhista assinada pelo presidente da época, Ernesto Geisel, que estendia às mulheres o trabalho noturno e horas extras. A matéria assume um posicionamento crítico e parcial, além de acionar a convocação de mulheres para luta por seus direitos, enquanto trabalhadoras.

Figura 1: Capa da edição n.11 do Brasil Mulher



Fonte: Hemeroteca, 2023.

Ao longo da edição, o jornal apresenta um texto sobre a história do dia 8 de março, contextualizando, também, a luta da mulher no Brasil. Há também uma matéria sobre as consequências do congresso das metalúrgicas para algumas operárias, demitidas após participarem do evento.

Edição Especial de 1979

Esta publicação é feita em colaboração com outras entidades femininas, como destacada no canto esquerdo da primeira página do jornal, e o tema principal da edição gira em torno da cobertura do I Congresso da Mulher Paulista feita pelo Brasil Mulher.

Na mesma edição, outra matéria, dessa vez com a pauta: SEXO. A reportagem reconhece a saúde sexual da mulher como tópico importante e básico, para além de

arroz, feijão, creche e salários. Sob pseudônimos, o Brasil Mulher conversa com mulheres sobre a vida sexual, maternidade e relações sexuais sem consentimento.

Com o título de O Verdadeiro Risco, o Brasil Mulher rebate justificativas do Governo Militar em implementar o Programa de Prevenção da Gravidez de Alto Risco. “Se não se dá assistência à mulher nem na gestação, como, então, acompanhá-la durante toda a vida?” (Brasil Mulher, 1979, p. 7).

A edição de 79 também aborda o direito das crianças e adolescentes alinhado à causa das trabalhadoras e passa a usar charges para ironizar, provocar e denunciar assuntos envolvendo este grupo.

Figura 2: edição especial de 1979 do Brasil Mulher.



Fonte: Hemeroteca, 2023.

Edição Especial de 1980

Na capa da última edição do Brasil Mulher, uma foto em preto em branco de uma trabalhadora do setor têxtil ocupa toda a lauda com um símbolo do movimento feminista logo no final da imagem.

A edição, que também marca o retorno de Joana Lopes, traz em sua primeira matéria o aborto como um direito de toda mulher. Mesmo não sendo assinado, a responsável pela autoria se coloca em lugar coletivo, tal qual usado em outras matérias anteriores. É sobre o “nosso corpo”, “nos destinou”, “somos obrigadas” e “nós mulheres”, incluindo a leitora como parte da construção narrativa. Além de, ao final, posicionar o Brasil Mulher na luta a favor do aborto seguro e legal para todas.

Nós do Brasil Mulher, reivindicamos e lutamos pela legalização do aborto, livre e gratuito, como opção garantida à mulher que desejar realizá-lo, assim como acesso à informação, obtenção e controle do uso dos anticoncepcionais. No entanto, é necessário também que se garanta as condições à maternidade, pois muitas mulheres optam pelo aborto por não terem como criar um ou mais filhos (BRASIL MULHER, 1980, p.2).

Puxando o gancho sobre condições da maternidade, o jornal engrossa o discurso, mais uma vez, demandando por mais creches e escolas no texto “A luta por creche tem muito a ver com a luta da mulher”.

Na mesma edição, o Brasil Mulher dá um panorama das mulheres dentro da luta sindical no país, especialmente em São Paulo e no Rio de Janeiro. O periódico também retorna ao I Congresso da Mulher Metalúrgica, criticando a quase que total ausência de mulheres no evento e na mesa de debates.

A publicação também conta com mais de três páginas de pesquisa em que o Brasil Mulher pergunta sobre maternidade, casamento, machismo e união entre as mulheres.

No fim, a edição também traz a editoria Rosa dos Vento que aparece pela primeira vez nas edições analisadas. A proposta é, basicamente, trazer uma cobertura sobre a movimentação política de mulheres no exterior.

Figura 3: edição especial de 1980.



Fonte: Hemeroteca, 2023.

AzMina

A revista digital AzMina foi fundada em agosto de 2015, pelas jornalistas Nana Queiroz, Helena Bertho Dias e Carolina Oms, por meio de um financiamento coletivo, viabilizado pela plataforma Catarse. Desde sua criação, a AzMina funcionou como veículo de jornalismo independente e gratuito, sustentada por meio do apoio de leitores e de financiamentos coletivos.

O objetivo do veículo é utilizar informação, tecnologia e educação para combater a violência de gênero. Ademais, a revista propõe realizar um jornalismo feminista, em prol da equidade entre as pessoas, conforme descrito na seção Quem Somos do portal:

A Revista AzMina é uma publicação jornalística feminista [...]. Sonhamos com um mundo em que pessoas de todas as raças, classes, religiões, orientações sexuais e identidades de gênero tenham acesso a informações que as permitam lutar por (e conquistar) uma vida livre de violência e opressão. (AzMina, s.d., *online*)

Dentre os temas mais abordados pelo veículo, estão os direitos das mulheres, o autoconhecimento e a autoestima de mulheres, além de equidade de gênero e raça. A revista também parte de uma visão interseccional, com reconhecimento das desigualdades entre os diferentes grupos de mulheres.

8 de Março de 2018

Ao longo de todo o ano de 2018, a revista AzMina realizou uma grande campanha convocatória e educativa sobre a participação das mulheres na política, considerando o contexto eleitoral daquele ano. Dessa forma, no mês de março e, especificamente, no dia 8 de março – Dia Internacional da Mulher - não seria diferente.

Naquele dia o portal publicou um texto sobre a campanha #SejaALíderQueTeRepresenta⁵. O texto convida as mulheres a participarem ativamente da política e discute sobre a representatividade feminina no parlamento. Outra matéria, por exemplo, destrincha a questão das candidatas-laranjas⁶ – esquema realizado por alguns partidos para cumprir a representatividade feminina mínima exigida nas eleições.

⁵ Texto disponível em: <azmina.com.br/2018/03/campanha-convida-mulheres-sejaaliderqueterepresenta/>.

⁶ “Partidos burlam cotas de candidatas com mulheres-laranjas”. Texto disponível em:

<<https://azmina.com.br/reportagens/partidos-burlam-cotas-de-candidatas-com-mulheres-laranjas/>>

Figura 4: matéria da campanha: #SejaALíderQueTeRepresenta.



Fonte: Revista AzMina

Da mesma forma, outras publicações divulgadas no dia 8 de março de 2018, como “Seis medidas para aumentar o número de mulheres na política”⁷ e “Qual o lugar das mulheres na democracia brasileira?”⁸, também abordam sobre o tema.

8 de Março de 2019

Em março de 2019, dentre as publicações da revista, a política continua muito em pauta. O assunto se destaca, principalmente, em publicações relacionadas ao enfrentamento do governo de extrema direita de Jair Bolsonaro e à figura de Marielle Franco – ativista e feminista da esquerda assassinada em 14 de março de 2018.

Ao longo de 2019, a revista sofreu várias represálias de apoiadores, e até mesmo de membros do próprio governo. Um dos episódios foi protagonizado pela ex-ministra Damara Alves, que formulou uma denúncia contra a revista, devido ao artigo de Helena Bertho, “Como é feito um aborto seguro?”⁹. Em resposta, a revista explicou que o artigo informava sobre procedimentos abortivos permitidos por lei e afirmou: “Não cometemos nenhum crime. Só fizemos o nosso trabalho” (AZMINA, 2019).

⁷ Disponível em:

<<https://azmina.com.br/reportagens/seis-medidas-para-aumentar-numero-de-mulheres-na-politica/>>

⁸ Disponível em: <<https://azmina.com.br/reportagens/mulheres-na-politica/>>

⁹ Disponível em: <<https://azmina.com.br/reportagens/como-e-feito-um-aborto-seguro/>>

Entretanto, no dia 8 de março de 2019 e ao longo daquele mês, a grande prioridade editorial do veículo é o combate à violência contra as mulheres. Textos como “O apoio de uma amiga pode salvar uma vítima de violência. Saiba como ajudar”¹⁰, buscavam alertar sobre os sinais da violência doméstica, as ferramentas de denúncias contra violências sexuais, além de conscientizar sobre o tema.

Além disso, a revista AzMina lançou, também no Dia Internacional da Mulher de 2019, o aplicativo Penhas¹¹. A principal proposta da ferramenta é fornecer um canal seguro para mulheres vítimas de violência, com informações sobre delegacias especiais, auxílio para produção de provas e, sobretudo, canais seguros de diálogo e acolhimento.

Figura 5: matéria vinculada ao lançamento do aplicativo Penhas.



Fonte: Revista AzMina

8 de março de 2020

No dia 8 de março de 2020, por sua vez, a revista AzMina lança um de seus projetos mais importantes, a plataforma Elas no Congresso¹². A ferramenta consiste em um site interativo com informações sobre pautas relacionadas às mulheres que tramitam no Congresso. A atuação dos parlamentares é mensurada em um ranking com notas, definidas de acordo com o posicionamento deles em cada Projeto de Lei.

¹⁰ Disponível em:

<<https://azmina.com.br/reportagens/violencia-domestica-veja-como-ajudar-uma-vitima-a-sair-da-relacao/>

¹¹ Disponível em:

<<https://azmina.com.br/reportagens/revista-azmina-lanca-penhas-aplicativo-para-enfrentamento-da-violencia-contra-a-mulher/>>

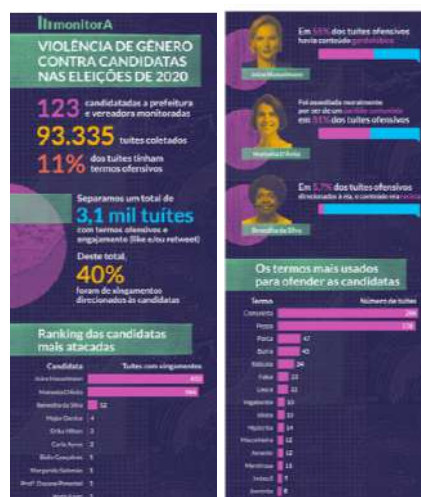
¹² Disponível em: <<https://www.elasnocongresso.com.br/>>

Ao longo do ano, outras ferramentas de datificação foram lançadas pela revista, como o Monitora, um relatório sobre a violência política online sofrida por candidatas nas eleições municipais de 2020. Com isso, percebe-se também neste ano, a forte presença de pautas e projetos relacionados à atuação das mulheres na política.

Figura 6: Elas no Congresso e MonitorA.



Fonte: Elas no Congresso; Revista AzMina



Fonte: MonitorA

Considerações Finais

O Brasil Mulher e AzMina marcam a imprensa feminista, cada uma em seu respectivo tempo. O Brasil Mulher atuou no fronte durante a ditadura militar brasileira, discutindo temas como aborto e movimento sindical em tempos de repressão, enquanto AzMina surge em um período democrático, mas de ascensão de governos de direita em toda América Latina, inclusive no Brasil.

Ambos os veículos são parte da mídia independente e se mantêm – ou se mantiveram – através de financiamento coletivo. Nas publicações analisadas do Brasil Mulher, a título de exemplo, a única “propaganda” que aparece é justamente um apelo ao leitor para ajudar a custear a imprensa alternativa¹³. Na revista AzMina, em todas as páginas, na parte superior, há um botão “apoie”, por onde o leitor pode financiar a

¹³ Na edição de n.11, publicada em março de 1978, o Brasil Mulher convida o leitor a assinar o “Pacote da Imprensa Independente”.

revista com qualquer valor. Ao final dos textos também há um pedido de doação para ajudar a manter a revista, intitulados com frases como “Faça parte dessa luta agora”.

Outro ponto de semelhança entre os dois é a aproximação das leitoras. O Brasil Mulher, como dito anteriormente, se coloca ao lado do seu público, ou seja, as trabalhadoras e militantes que faziam a leitura do jornal. Com o uso, principalmente, da palavra nós, no plural, para dar lugar a um sentido de colaboração e identificação. É interessante notar, também, que o editorial faz com que o jornal não se isente das lutas e, pelo contrário, se junte à linha de frente.

No caso da AzMina, mesmo com a utilização de textos em terceira pessoa, de caráter jornalístico, essa aproximação também é perceptível. Isso é possível por meio da inclusão de todas as mulheres nas pautas e pelo diálogo direto em algumas publicações com as mulheres, inclusive, convocando-as.

Ao se colocar no front, o Brasil Mulher também convoca as leitoras para suas lutas. Em diversas vezes, nas matérias analisadas, os termos: “participe”, “você vem?” e “apoie” evocam um convite ao leitor. No recorte da AzMina, a convocação também aparece, embora de maneira bem mais sutil. Como, por exemplo, na matéria sobre a campanha #SejaALíderQueTeRepresenta, em que a revista levanta um ponto de reflexão sobre a participação das mulheres na vida política.

Ao direcionar a linguagem e forma de escrita, fica perceptível a quem os veículos estão se direcionando. O Brasil Mulher está falando para um público feminino, mais especificamente para as mulheres da classe operária. AzMina, por sua vez, tem um recorte muito mais amplo e inclusivo, dialogando com mulheres transexuais e abordando também pautas do feminismo negro.

É perceptível que ambos também não tentam se manter neutros e nem seguem o mito do jornalismo imparcial. A própria existência da AzMina e do Brasil Mulher já vai contra a imparcialidade, uma vez que os dois se declaram a favor de um movimento: o das mulheres.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Jade Vilar de. Quando AzMina falam: um estudo de caso sobre o jornalismo feminista, digital e interseccional na revista AzMina. 2021. Dissertação (Mestrado) submetido ao Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/22002/1/JadeVilarDeAzevedo_Dissert.pdf> Acesso em: 01 jun 2023.

BERTHO, Helen. Revista AzMina lança Penhas, aplicativo para enfrentamento da violência contra a mulher. **AzMina**, 8 de março de 2019. Disponível: <azmina.com.br/reportagens/revista-azmina-lanca-penhas-aplicativo-para-enfrentamento-da-violencia-contra-a-mulher/>. Acesso em 4 de maio de 2023.

BRASIL MULHER, São Paulo, edição especial, mar. 1979.

BRASIL MULHER, São Paulo, edição especial, mar. 1980.

BRASIL MULHER, São Paulo, n.11, mar. 1978.

Campanha convida mulheres: #SejaALíderQueTeRepresenta. **AzMina**, 8 de março de 2018. Disponível: <azmina.com.br/2018/03/campanha-convida-mulheres-sejaaliderqueterepresenta/>. Acesso em 4 de maio de 2023.

COSTA, Jessica Gustafson. Jornalismo Feminista: estudo de caso sobre a construção da perspectiva de gênero no jornalismo, 2018. Dissertação (Mestrado) submetida ao Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/193588/PJOR0110-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>> Acesso em: 03 jun 2023.

DEBÉRTOLIS, Karen Silvia. Brasil mulher: Joana Lopes e a imprensa alternativa feminista. 2002. 140 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/3505>>. Acesso em: 07 jun. 2020.

Elas no Congresso. **AzMina**. Disponível em: <<https://www.elasnocongresso.com.br/>> Acesso em 04 jun 2023.

FERREIRA, Letícia. “Feminismo não é Disneylândia”, diz Heloísa Buarque de Hollanda. **AzMina**, 8 de março de 2020. Disponível em: <azmina.com.br/reportagens/feminismo-nao-e-disneylandia-diz-heloisa-buarque-de-hollanda/> . Acesso em: 4 de maio de 2023.

OMS, Caroline. Partidos burlam cotas de candidatas com mulheres-laranjas. **AzMina**, 8 de março de 2018. Disponível em: <azmina.com.br/reportagens/partidos-burlam-cotas-de-candidatas-com-mulheres-laranjas/>. Acesso em: 4 de maio de 2023.

OMS, Caroline. Seis medidas para aumentar número de mulheres na política. **AzMina**, 8 de março de 2018. Disponível em: <azmina.com.br/reportagens/seis-medidas-para-aumentar-numero-de-mulheres-na-politica/>. Acesso em: 4 de maio de 2023.

SAHD, Luiza. Apoio de uma amiga pode salvar uma vítima de violência. Saiba como ajudar. **AzMina**, 8 de março de 2019. Disponível em: <azmina.com.br/reportagens/violencia-domestica-veja-como-ajudar-uma-vitima-a-sair-da-relacao/>. Acesso em 4 de maio de 2023

Uma robô para monitorar direitos das mulheres: AzMina lança o Elas no Congresso. **AzMina**, 8 de março de 2020. Disponível: <azmina.com.br/reportagens/uma-robo-para-monitorar-direitos-das-mulheres-azmina-lanca-o-elas-no-congresso/>. Acesso em 4 de maio de 2023.

VICENTIN, Carolina. Qual o lugar das mulheres na democracia?. **AzMina**, 8 de março de 2018. Disponível em: <azmina.com.br/reportagens/mulheres-na-politica/>. Acesso em 4 de maio de 2023.